

PEREIRA, C. G. C. Análise construcional baseada no uso do sufixo “-aço” no português do Brasil. *ReVEL*, v. 20, n. 38, 2022. [www.revel.inf.br].

ANÁLISE CONSTRUCIONAL BASEADA NO USO DO SUFIXO “-AÇO” NO PORTUGUÊS DO BRASIL

*Constructional analysis based on the use of the suffix
“-aço” in Brazilian Portuguese*

Carlos Gustavo Camillo Pereira¹

pereiracgc@gmail.com

RESUMO: Este trabalho objetiva desenvolver uma análise construcional do sufixo “-aço” no português brasileiro. Para isso, os dados foram coletados a partir da seleção de itens lexicais terminados com o referido afixo no Corpus do Português. Após isso, realizou-se uma análise semântica em três níveis a fim de reconhecer o sentido do sufixo. Dessa forma: (i) houve a decomposição do vocabulário a fim de confirmar sua transparência; após isso (ii) ocorreu a análise do contexto em que a palavra está inserida, objetivando reconhecer o sentido que está sendo evocado e, por fim, (iii) utilizou-se paráfrase para determinar qual é a semântica da palavra base e qual é a semântica do afixo. Também utilizei construtos teóricos da Linguística Cognitiva, como as noções de *Frames* e de *Conceptualização* a fim de compreender plenamente as nuances semânticas presentes no sufixo. Por fim, os dados aqui investigados apontam para múltiplas semânticas que se ligam a uma acepção em comum, expondo, assim, a possibilidade de existência de uma rede construcional para o sufixo “-aço”.

PALAVRAS-CHAVE: Sufixo “-aço”; morfologia; gramática de construções baseada no uso; português do Brasil.

ABSTRACT: This work aims to develop a constructional analysis of the suffix “-aço” in Brazilian Portuguese. For this, the data were collected from the selection of lexical items ending with the affix in the Corpus of Portuguese. After that, a three-level semantic analysis was performed in order to recognize the meaning of the suffix. Thus: (i) there was a decomposition of the vocabulary in order to confirm its transparency; after that (ii) the analysis of the context in which the word is inserted was carried out, aiming to recognize the meaning that is being evoked and, finally, (iii) paraphrase was used to determine what is the semantics of the base word and what is the affix

¹ Doutorando em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), instituição em que também obteve o seu título de Mestre sob a orientação de Margarida Basílio. Adicionalmente, também é Especialista em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português e em Língua Latina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é professor contratado de Língua Portuguesa na UERJ.

semantics. I also used theoretical constructs from Cognitive Linguistics, such as the notions of Frames and Conceptualization, in order to fully understand the semantic nuances present in the suffix. Finally, the data investigated here point to multiple semantics that are linked to a common meaning, thus exposing the possibility of the existence of a constructional network for the suffix “-aço”.

KEYWORDS: Suffix “-aço”; Morphology; usage-based construction grammar; Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

Após passar por diversas fases (PEREIRA; CONSTANCIO; ARANTES, 2019), os estudos morfológicos têm adquirido lugar de importância nas pesquisas em linguagem, no entanto ainda há muitas unidades linguísticas que carecem de estudo mais pormenorizado, como é o caso do sufixo “-aço”, o qual, excetuando-se as dissertações de mestrado de Santos (2010) e de Souza (2015), permanece sem pesquisas que, especificamente, o analisem. Dessa maneira, este trabalho tem por objetivo proporcionar uma análise construcional do referido afixo e contribuir para, de alguma forma, diminuir essa carência.

Adicionalmente, essa análise também faz-se necessária, visto que diferentes gramáticas e manuais de morfologia enumeram diferentes acepções para o referido afixo, além de haver muitos desencontros de perspectivas no que diz respeito à própria estrutura do sufixo em si. Mais especificamente, alguns estudiosos afirmam que “-aça”, “-iço” e “-uço”, por exemplo, como formas variáveis de “-aço”.

Dessa maneira, este trabalho é desenvolvido a partir de duas perguntas de pesquisa: (i) Quais são os sentidos desempenhados pelo sufixo “-aço”? (ii) Caso haja mais de um sentido, há alguma semântica geral que esteja presente em ambas as acepções? Partindo desses questionamentos, o presente trabalho é dividido em 4 principais seções além desta introdução. Inicialmente é realizada uma revisão de literatura com o objetivo de observar como o sufixo “-aço” é descrito em duas gramáticas tradicionais, cujo uso é difundido no Brasil. Ainda nesta seção, também são consultados dois manuais de morfologia a fim de expor suas postulações a respeito do afixo “-aço”.

A próxima seção é relativa aos fundamentos teóricos utilizados durante a análise de dados. Mais especificamente, o trabalho baseia-se nas propostas analíticas da Gramática de Construções para os fenômenos morfológicos e nas

postulações da Linguística Cognitiva para o processo de compreensão de sentidos que estão presentes no empreendido de formação de palavras.

Após a exposição dos fundamentos teóricos, a seção subsequente é responsável por pormenorizar os procedimentos metodológicos adotados para a coleta e a delimitação dos dados, além de informar quais são e as categorias analíticas e como elas serão aplicadas.

Subsequentemente, há uma seção proposta para a análise dos dados, os quais serão investigados qualitativamente visto que as unidades linguísticas formada a partir de “-aço” serão analisadas considerando os seus contextos de uso e não apenas os itens lexicais alheios de suas situações de uso. Por fim, na última seção, há reflexões a respeito dos resultados encontrados.

Assim, espera-se que este trabalho possa proporcionar uma análise acurada das acepções semânticas do sufixo “-aço” e demonstrar as potencialidades dos modelos linguísticos baseados no uso para a análise dos processos de formação de palavras.

2. DISCUSSÕES SOBRE O SUFIXO “-AÇO”

Nesta seção será realizada uma breve revisão de literatura acerca do sufixo “-aço” em três subseções. Na primeira subseção, investigar-se-ão as propostas de descrição e de análise do referido afixo em duas gramáticas normativas de referência no Brasil: Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2008). A próxima seção versará sobre a análise e investigação do sufixo “aço” em dois manuais especializados: Rio-Torto (2016) e Monteiro (2002). Por fim, na última subseção, serão detalhadas as principais convergências e divergências encontradas durante a análise das obras mencionadas.

2.1. O SUFIXO “-AÇO” NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Em sua “Moderna Gramática Portuguesa”, Bechara (2009) defende que o sufixo “-aço” seja utilizado para formar substantivos ao adjungir-se a uma base também substantiva. Além disso, destaca-se que o referido gramático entende que o afixo “-aço” seria, na verdade, uma variação do afixo “-aça”. É curioso observar que não há elaboração de qualquer argumento, ou explicação para

sustentar os pontos positivos ao adotar o seu posicionamento, pelo contrário, Bechara limita-se a apenas mencionar um único exemplo, que seria o item lexical “vidraça” (BECHARA, 2009, p. 359).

Em se tratando do significado do sufixo “-aça/-aço”, também é importante destacar que não há menção de nenhum significado específico. Bechara (2009) menciona apenas um único sentido genérico para “-aça/-aço” e os outros 23 sufixos² que figuram na mesma seção. Assim, indiscriminadamente, Bechara (2009, p. 359) explica que esses 24 sufixos atuam “para a formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar”.

Bechara (2009), curiosamente, ao apresentar a próxima unidade de sua gramática, que é sobre os sufixos aumentativos, volta a mencionar os sufixos “-aça/-aço”; porém, o problema é que, nesta seção, Bechara não explica se ele está assumindo, ou não, a existência de um par de sufixos homônimos.

A falta dessa explicitação é altamente comprometedor, pois, como visto anteriormente, Bechara (2009) havia defendido o entendimento de que o sufixo “-aça/-aço” age em bases substantivas para formar produtos da mesma classe de palavra em que o afixo se adjungiu. No entanto, para explicar o uso de “-aça/-aço” como sufixos aumentativos, o gramático vale-se do exemplo “ricaço” (BECHARA, 2009, p. 361), que seria um item lexical formado a partir da adição do sufixo “-aço” a uma base adjetiva “rico”.

Bechara (2009) utiliza-se de uma exemplificação que desconstrói toda informação categórica sobre “-aça/-aço” que havia construído ao longo do capítulo de sua obra. A única maneira de desfazer esse impasse seria a assumir a existência de pares homônimos dos sufixos “-aça/-aço”. Assim, um par agiria apenas em bases substantivas para gerar substantivos e o outro par seria utilizado para formar aumentativos. Porém, como não há qualquer menção sobre essa possibilidade na “Moderna Gramática Portuguesa”, não resta outra opção senão apontar essa questão como uma séria lacuna aberta, que precisa ser considerada.

² Os 24 sufixos, suas respectivas variações e com exemplos, de acordo com Bechara (2009, p. 358-9): -ame: gravame; -ção, são: compreensão; -mento: casamento; -ura, -dura, -tura: formatura; -ança (ancia), -ença (encia): mudança; -ata: passeata; -ada: estada; -ida: acolhida; -agem: vadiagem; -ário: lapidário; -ada: laçada; -ura: cintura; -astro: poetastro; -estre: silvestre; -ato: orfanato; -aço, -aça: vidraça; -cínio: patrocínio; -ismo: charlatanismo; -tude, -dão: amplitude; -ura: doçura; -eza, -ez: beleza; -ácia: audácia; -dade: dignidade; -mônia: acrimônia.

Na obra intitulada “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, Cunha e Cintra (2008) possuem alguns posicionamentos bem diferentes dos defendidos por Bechara (2009). A primeira diferença relevante é o fato de os gramáticos estabelecerem que “-aça” e “-aço” são sufixos diferentes. Mas, assim como Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008) não elaboram nenhuma argumentação, ou explicação para fundamentar os seus posicionamentos nem os possíveis ganhos em adotar suas propostas.

Ainda em se mencionando as diferenças com Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008) são taxativos em incluir o afixo “-aço” unicamente na lacuna dos sufixos aumentativos. Além disso, é importante destacar que os gramáticos evidenciam que “nem sempre o sufixo aumentativo se junta ao radical de um substantivo. Há derivações feitas sobre adjetivos (ricaço, de rico; sabichão, de sábio) e também sobre radicais verbais (chorão, de chorar; mandão, de mandar)” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 103).

É interessante observar que Cunha e Cintra (2008) desvencilham-se do mesmo problema que Bechara (2009) não havia resolvido ao atribuírem aos sufixos aumentativos um comportamento anômalo e desviante em relação aos demais sufixos que possuem uma seleção categorial fixa e adjungem-se somente a um único tipo de base, como é o caso do sufixo “-dor” que apenas aglutina-se a bases verbais para formar um substantivo, como em vender > vendedor.

Em relação ao significado do sufixo, Cunha e Cintra (2008) estabelecem que o afixo “aço” forma “substantivos com força aumentativa e pejorativa” (p. 103). Esse ponto é altamente questionável, pois itens lexicais como “mulheraço”, “apartamentoço”, “golaço”, entre outros não parecem exprimir uma noção pejorativa, pelo contrário, eles provavelmente indicam uma noção positiva e laudatória como no exemplo “vi um mulheraço na rua que me deixou apaixonado!”³. Além disso, após a análise de dados deste artigo, retornaremos a essa questão a fim de reforçar meu posicionamento quanto a inadequação de entender que a semântica “pejorativa” advém do afixo “-aço”.

³ Exemplo retirado de <https://www.dicionarioinformal.com.br/mulhera%C3%A7o/>

2.2. O SUFIXO “-AÇO” NOS MANUAIS DE MORFOLOGIA

Ao iniciar a discussão sobre os sufixos avaliativos, em sua obra intitulada “Gramática Derivacional do Português”, Rio-Torto (2016, p. 358) destaca que esses afixos “podem funcionar na formação de nomes com gênero fixo e na de nomes e de adjetivos com gênero variável”. Assim, deixa de fazer sentido propor uma representação desses sufixos com suas marcas de gênero. Como resultado, ela se refere ao sufixo “-aço” apenas como “-aç”, analisando, assim, os itens lexicais “ricaça” e “ricaço” como produtos gerados a partir do mesmo sufixo, que, neste caso, é “-aç”.

Ainda fundamentando suas propostas a respeito dos afixos avaliativos, entre os quais inclui-se “-aç”, Rio-Torto (2016) postula que os sufixos avaliativos podem ser separados em duas grandes categorias: (i) isocategoriais, ou seja, sufixos que se adjungem apenas a um tipo de base e podem ou não alterar a sua classe após o processo de adjunção e (ii) pluricategoriais, afixos que, ao contrário dos anteriores, “(logo, não monocategoriais) pode combinar-se com bases nominais, adjetivais, verbais e em alguns casos adverbiais e pronominais”, alterando ou não sua classe (RIO-TORTO, 2016, p. 359).

Nesse sentido, “-aç” faz parte do segundo grupo, visto que, embora não mude a classe da palavra a que se juntou, ele pode ser adicionado a diferentes bases, como às nominais em “barulh+aço(o) = barulhaço”, às adjetivais tal como em “loir+aço(a, o) = loiraço/o” e, segundo Rio-Torto (2016), “aç” também pode juntar-se à bases verbais como no vocábulo “falaçar” e “lavaçar” que foram gerados a partir de “falar” e “lavar”, respectivamente.

Observa-se que, ao propor as categorias dos avaliativos “isocategoriais” e dos “pluricategoriais”, Rio-Torto (2016) também consegue dar conta de um importante problema que havia ficado em aberto na Moderna Gramática Portuguesa de Bechara (2009) e demonstra avanços em relação à solução proposta de Cunha e Cintra (2008), uma vez eles já haviam reconhecido uma propriedade anômala nos “sufixos aumentativos”; todavia, não providenciaram nenhum recurso para lidar com a referida anomalia.

Em relação ao significado de “-aç”, Rio-Torto (2016, p. 363) explica que “No Brasil –aç- continua a ter grande vitalidade, nomeadamente nas formações neológicas com valor expressivo”. No entanto, embora ela arrole muitos

exemplos e proporcione uma vasta explicação sobre sua semelhança com outros sufixos avaliativos, infelizmente não há uma seção específica a fim de elencar os significados de “-aç”.

Na obra “Morfologia Portuguesa”, Monteiro (2002, p. 166), antes de iniciar suas propostas a respeito da derivação, esclarece que “admitimos a possibilidade de que um mesmo sufixo expresse mais de um conteúdo significativo”. Assim, considerando sua explicação, o afixo “-aç” é polissêmico e não há sentido em classificá-lo como sufixo avaliativo, ou não, uma vez que já se parte do pressuposto de que há apenas um sufixo.

A questão mais polêmica em seu trabalho é a de que o sufixo “-aç”, que também pode ser realizado como “-açã” a depender do gênero da palavra, pode variar em “-iço” e “-uçõ”. Adicionalmente, Monteiro (2002) não proporciona nenhum argumento para fundamentar a sua proposta, nem mesmo os possíveis ganhos ao adotá-la. Além disso, é necessário questionar-se: como relacionar, por exemplo, os pares “sumiço” e “serviço” com “mulheraço” e “ricaço”? Não parece haver qualquer correlação semântica contemporânea entre os pares formados por “-iço” com os construídos com “-açõ”. Há ainda outro agravante na proposta de Monteiro (2002), note que o sufixo “-uçõ” muda a classe da base substantiva para um produto de natureza adjetiva, como em “dente > dentuçõ”; porém, essa situação que não acontece com “-açõ/-açã”, salvo em situações em que a palavra base é um verbo, como em “cansar > cansaçõ”, excetuando-se esse caso em específico, o afixo “-açõ” não muda a base da palavra a que se adjunge.

É válido destacar que o posicionamento de Monteiro (2002), observado anteriormente, é diferente do posposto por Rio-Torto (2016). Para a linguista, vocábulos como “sumiço” e “serviço” não são formados pelo sufixo avaliativo “aç”, mas sim pelo sufixo “ço”, o qual é responsável por construir nomes deverbais. Mais especificamente, para Rio-Torto (2016, p. 197), “este sufixo anexa-se ao tema do participio das bases (**inchado** > **inchaço**, **tolhido** > **tolhiço**)”.

Em se tratando dos sentidos do sufixo “açõ”, Monteiro (2002, p. 167) elenca as seguintes acepções: “intensidade (**ricaço**), grandeza (**mulheraçã**), pequenez (**caniço**), tendência, possibilidade (**quebradiço**), depreciação (**dentuçã**)”. Por fim, Monteiro (2002) ainda explica que “-iço” pode variar em “-diço” ao formar adjetivos derivados a partir de verbos, como em “movediço”.

Contudo, novamente, ele não providencia nenhuma justificativa para respaldar sua proposta.

2.3. RESUMO DAS PROPOSTAS ANALÍTICAS DAS GRAMÁTICAS E DOS MANUAIS DE MORFOLOGIA

Como foi possível observar, há variadas propostas de análise em torno do sufixo “-aço”, quer seja para entendê-lo como uma variação de “-aça”, “-iço” e “-uço”, ou, até mesmo, em relação aos seus sentidos. Por esse motivo, a fim de auxiliar o leitor, esta seção irá sistematizar, de maneira objetiva, as principais concordâncias e divergência entre os estudiosos aqui consultados. Após ela, realizarei uma breve apreciação a respeito das propostas dos trabalhos aqui criticamente avaliados.

Segue-se a tabela de comparativa a respeito das propostas descritivas do sufixo “aço”.

	Bechara (2009)	Cunha e Cintra (2008)	Rio-Torto (2016)	Monteiro (2002)
“-aça” e “-aço” são os mesmos sufixos?	Sim, “-aça” é uma variação de “-aço”.	Não, trata-se de sufixos diferentes.	Sim, mas deve-se mencionar somente “-aç”, pois “-aça” é apenas a flexão de gênero de “-aço”.	Sim, inclusive há as variações “-iço” e “-uço”.
Há um único sufixo “-aço”?	Não informado.	Sim, é um sufixo avaliativo.	Sim, é um sufixo avaliativo.	Sim, ele é altamente polissêmico e possui diversas variações.
A que base o sufixo “-aço” se adjunge?	Somente substantivos.	Substantivos e, raramente, adjetivos.	Substantivos, adjetivos e verbos.	Substantivos, adjetivos e verbos.
Quais são os sentidos do sufixo “-aço”?	Não informado.	Força aumentativa ou pejorativa.	Valor expressivo.	Intensidade, grandeza, pequenez, tendência, possibilidade e depreciação.

Tabela 1: Descrição do sufixo “aço” em perspectiva comparada.

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A partir dessa concisa revisão de propostas analíticas a respeito do sufixo “-aço”, compreendo que a mais problemática e, conseqüentemente, a que mais carece de revisões seria a proporcionada por Bechara (2009), visto que ela é altamente contraditória. Mais especificamente, o referido autor estabelece “-aça” como uma variação de “-aço” sem a viabilização de nenhuma argumentação.

Outro problema sério de sua proposta é o estabelecimento taxativo de que “-aço” se adjunge somente a substantivo e, com o passar das páginas de sua própria gramática, Bechara (2009) utiliza a palavra “ricaço” como um exemplo do emprego do sufixo “-aço”. Porém, como isso seria possível? Afinal, não se estabeleceu que “-aço” se juntaria apenas a substantivos para formar apenas substantivos?

A solução para o problema em Bechara (2009) seria, talvez, a adoção da noção categórica dos “nomes”, que incluiriam os substantivos, os adjetivos e até os advérbios, viabilizada por Câmara Jr (1970). Haveria, ainda, a possibilidade de Bechara (2009) adotar o postulado de um par de sufixos homônimos⁴; assim, um sufixo atuaria sobre substantivos e formariam outros substantivos ao passo que o segundo sufixo ocorreria em outras bases que não a substantiva.

A melhor proposta analítica, em meu entendimento, é, sem dúvidas, a estabelecida por Rio-Torto (2016), uma vez que ela dá conta de resolver os problemas deixados por Bechara (2009), além de refinar e, em alguns casos, corrigir as soluções proporcionadas por Cunha e Cintra (2008) e Monteiro (2002).

Mais especificamente quanto aos ganhos advindos das proposta de Rio-Torto (2016), ela entende entender “-aça” como flexão de gênero de “-aço”, visto que, na verdade, o sufixo seria “-aç”. Além disso, outro ponto interessante é o estabelecimento de uma acepção geral para o referido afixo; assim, seu sentido seria o de “valor expressivo”.

⁴ O recurso da homonímia é muito difundido na morfologia gerativa, um exemplo do emprego dessa “ferramenta” está presente no trabalho de Silva e Mioto (2009) ao estabelecerem que existem, na língua portuguesa, dois prefixos “des-”. Mais especificamente, um deles atuaria sobre bases adjetivas e formariam palavras cuja semântica é negativa, como em “leal > desleal”, “obediente > desobediente”, entre outros. O outro prefixo “des-” possuiria uma acepção reversativa e ocorreria apenas em verbos: “montar > desmontar”, “fazer > desfazer”, entre outros. Essa proposta, embora muito intuitiva, também possui alguns inconvenientes sérios para a análise morfológica do prefixo “des-”. Para maiores detalhes, aconselha-se a leitura do trabalho de Pereira (2021a) que trata do prefixo “des-” em bases substantivas, classe essa que sequer foi citada no trabalho de Silva e Mioto (2009).

Por fim, outra contribuição interessante viabilizada por Rio-Torto (2016) seria a noção dicotômica de afixos “isocategoriais” e “pluricategoriais”, os primeiros se caracterizariam como afixos que se unem a apenas um tipo de base e não mudam sua classe ao passo que os segundos seriam afixos que se adjungem a diferentes classes de palavras e podem ou não alterar sua classe.

No caso específico de “-aç”, Rio-Torto (2016) estabelece que ele se junta a bases substantivas, adjetivas e verbais. A única crítica aqui registrada a esse trabalho é o fato de que ele não registra a possibilidade de “-aç” poder ocorrer, também, em bases adverbiais, como em “bem > bemzaço” e “mal > malzaço”.

3. PRESSUPOSTO TEÓRICO

Esta seção tem por finalidade apresentar os pressupostos teóricos adotados neste trabalho por meio de duas subseções. Mais especificamente, a primeira descreve os postulados da Linguística Cognitiva para a compreensão do fenômeno da linguagem e a respeito de como os indivíduos produzem interpretações da realidade, o que conseqüentemente possui relevância durante os processos de construções de novos itens lexicais, visto que elas não são desenvolvidas em um “limbo histórico-social” descorporificadas da realidade dos falantes. Na segunda, abordarei os fundamentos da Gramática de Construções, uma vez que essa abordagem se baseia no uso e consegue providenciar soluções para a compreensão do funcionamento do afixo “-aço”, além de evidenciar as suas acepções.

3.1. LINGUÍSTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva (LC) teve o seu início a partir dos anos 70 e fortaleceu-se nos anos 80. Em adição, a LC surgiu a partir da pesquisas empíricas cujas conduções não podiam ser plenamente desenvolvidas com o aparato proposto pelo Gerativismo na época. De acordo com Croft e Cruse (2004, p. 1), a LC é sustentada de três grandes hipóteses: “a língua não é uma

faculdade cognitiva autônoma, a gramática é conceptualização e o conhecimento linguístico emerge a partir da língua em uso”⁵.

Em se tratando da grande hipótese postulada pela LC, uma das consequências mais importantes ao adotá-la refere-se ao fato de que “a representação do conhecimento linguístico é essencialmente a mesma representação de outras estruturas conceptuais, e que os processos em que esse conhecimento é usado não são fundamentalmente diferentes das habilidades cognitivas que os seres humanos usam fora do domínio da linguagem”⁶ (CROFT; CRUSE, 2004, p. 2).

Com base no entendimento de que a representação da linguagem e das demais atividades é a mesma na cognição humana, entendo que não há ganhos em perspectivas que defendem apenas a existência modelos altamente modulares em que a representação sintática, morfológica e fonológica são totalmente independentes, pelo contrário, todas essas propriedades linguísticas também podem ser compreendidas como plenamente interligadas. Assim, ressalto a importância da multiplicidade de modelos, dado que diferentes dados irão demandar diferentes tratamentos metodológicos.

Adicionalmente, Croft e Cruse (2004) enfatizam que eles não defendem a ideia de que o humano não tenha uma capacidade inata para a adquirir a linguagem. No entanto eles evidenciam que a LC nega a postulação de uma faculdade humana com finalidade unicamente específica para a aquisição da língua.

É importante destacar que a LC possui profundas inspirações nas ciências psicológicas e na filosofia uma vez que, em LC, é altamente enfatizada a “importância da experiência humana, a centralidade do corpo humano e uma estrutura e organização cognitiva específica do humano, que afetam a natureza de nossa experiência”⁷ (EVANS; GREEN, 2006, p. 44). Nesse sentido, defende-se que o fenômeno linguístico não pode ser investigado isoladamente das

⁵ Traduzido pelo autor. Excerto original: “Language is not an autonomous cognitive faculty; grammar is conceptualization; knowledge of language emerges from language use”.

⁶ Traduzido pelo autor. Excerto original: “The representation of linguistic knowledge is essentially the same as the representation of other conceptual structures, and that the processes in which that knowledge is used are not fundamentally different from cognitive abilities that human beings use outside the domain of language.”

⁷ Traduzido pelo autor. Excerto original: “The importance of human experience, the centrality of the human body, and human-specific cognitive structure and organisation, all of which affect the nature of our experience”.

experiências corpóreo-motoras, tal conceito é cunhado como “a mente corporificada”⁸.

O pressuposto da mente corporificada foi inicialmente proposto por Johnson (1987) e possui como premissa básica o fato de os usos linguísticos emergirem por meio de experiências vivenciadas a partir do corpo. Assim, por exemplo, conceituou-se a noção de “esquemas imagéticos” que seriam as experiências físicas mais básicas, frequentes e comuns aos humanos. Dessa forma, tais experiências são as bases e as motivações de diversos tipos de expressões linguísticas. Um exemplo de esquema imagético seria a noção de contêiner, uma vez que o humano, além de ser o contêiner de seus órgãos, por exemplo, sempre está inserido em algum contêiner ao longo de toda sua vida, quer seja no ventre materno que o gerou, em sua residência, em seu trabalho, ou, em um nível mais amplo, em seu planeta. Essa experiência, por ser tão básica, trivial e natural, resulta em diversas estruturas como “estou em uma situação difícil”, “Rafael entrou em uma ‘fria’”, “Paulo entrou em ‘cana’”, entre outros. Esses exemplos advogam em favor da inseparabilidade da mente e do corpo em se tratando da investigação do fenômeno da linguagem.

A LC também defende uma perspectiva não objetivista da realidade. Em outras palavras, não há a postulação de uma “realidade” correta e absoluta. Pelo contrário, as interpretações são sempre baseadas nas experiências corpóreas dos indivíduos, conforme visto anteriormente. Dessa forma, há múltiplas perspectivas sobre uma mesma situação, o que chamamos na LC de “conceptualização”. Mais especificamente, conforme postulado em Langacker (1987, 1991, 2008) a conceptualização se refere aos processos pelos quais construímos os conceitos por meio de nossas interações corpóreas com o mundo biofísico. Assim, “os conceitos aos quais temos acesso e a natureza da ‘realidade’ sobre a qual pensamos e falamos são uma função de nossa corporificação”⁹ (EVANS; GREEN, 2006, p. 46).

Considerando o fenômeno da conceptualização, outra importante conceituação da LC é a noção de “*frame*”. Esse conceito, de acordo com Fillmore (1982) é a compreensão de que os sentidos das palavras não são fixos e autônomos, pelo contrário, eles emergem a partir de determinada situação.

⁸ Traduzido pelo autor. Excerto original: “Embodied mind”.

⁹ Traduzido pelo autor. Excerto original: “The concepts we have access to and the nature of the ‘reality’ we think and talk about are function of our embodiment”.

Sendo assim, por exemplo, em contextos agrônomos ou de compra e venda em feiras e mercados, o vocábulo “laranja” seria entendido como uma fruta cítrica e evocaria relação com outros itens lexicais tais como “maçã”, “limão”, “tangerina” entre outros. Todavia, quando a mesma palavra “laranja” é utilizada em contextos financeiros, o sentido evocado passa a ser de um indivíduo que recebe uma vantagem, geralmente ilícita, em lugar de outrem; dessa forma, a relação com outros vocábulos também altera-se e, provavelmente, evocam-se os itens lexicais “corrupção”, “dinheiro”, “desvio”, “verba”, entre outros.

É importante destacar que, embora a LC não se baseie em uma perspectiva essencialista da realidade, ela, de forma alguma, nega a existência de um conhecimento conceptual compartilhado a respeito das mais diversas questões e situações do mundo biofísico. A manifestação desse conhecimento conceptual socialmente partilhado é cunhado por Lakoff (1987) como “Modelos Cognitivos Idealizados” (MCIs). Mais especificamente, os MCIs seriam as expectativas em comum que os indivíduos possuem sobre uma determinada categoria. Assim, ao evocar a categoria “mãe”, muito provavelmente os indivíduos elencariam qualidades como “proteção”, “cuidado”, “carinho”, “zelo” e semelhantes como propriedades características dos indivíduos dessa categoria, o que resulta em estruturas linguísticas como “meu chefe é uma mãe”, em que há a transposição das referidas qualidades da categoria mãe para o indivíduo que está assumindo um cargo de chefia.

Lakoff (1987) tem o cuidado de enfatizar que um MCI é uma simplificação que não abarca todos os membros da categoria perfeitamente. Assim, por exemplo, no MCI da categoria “mãe”, mencionado anteriormente, não há inclusão de mães que abandonam os seus filhos por exemplo, uma vez que essas não representariam o modelo ideal da referida categoria, o que poderia evocar frases como “uma mulher que faz isso não é uma mãe de verdade”.

Ao analisar os MCIs é possível observar expectativas compartilhadas na cognição dos indivíduos a respeito das mais variadas questões da vida social (VEREZA, 2013) e que certamente estão presentes, inclusive, nos processos de formação de palavras, como pode ser visto no trabalho de Gonçalves (2020) ao analisar as construções lexicais geradas a partir do sobrenome do atual Chefe da República o qual, reconhecidamente, adota posicionamentos políticos anti-

humanitários, o que vai de encontro com as características presentes no MCI de um governante democrático. Conseqüentemente, motivou-se a estruturação de itens lexicais como “bolsonazi”, “bolsohitler”, bolsosofacista”, entre outros.

Assim, os postulados teóricos da LC são úteis e enriquecedores para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito dos estudos morfológicos, sobretudo neste trabalho, uma vez que as acepções do sufixo “-aço” evocam conceptualizações de natureza corpórea, sendo assim, a compreensão adequada desses sentidos se dará por meio da aplicação dos construtos da LC. Na seção posterior, irei expor os postulados da Gramática de Construções, modelo analítico que também está inserido na LC e irá lançar as bases para a análise morfológico do afixo “-aço”.

3.2. GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

A Gramática de Construções (doravante GC) é um paradigma que as “construções são as unidades básicas da língua”¹⁰ (GOLDBERG, 1995, p. 4). Nesse sentido, é importante esclarecer o que é uma construção. De maneira objetiva, Hilpert (2014, p. 10) estabelece que “uma construção é definida como o pareamento entre forma e significado”¹¹. Isso implica no entendimento de que tudo na língua é uma construção, que pode ser completamente aberta, semiaberta, ou totalmente preenchida.

Um exemplo de construções completamente abertas seriam as estruturas “S + V + O”, em que o “S” é preenchido por um termo que pode desempenhar a função de agente, de tópico, ou semelhante; o “V” é preenchido por um verbo; e, por fim, “O” é preenchido por alguma unidade linguística que desempenhe a função de objeto. Adicionalmente, a construção “S + V + O” pode ter, como uma das interpretações possíveis, “um agente agindo sobre um objeto”, como nas estruturas “ele comprou o livro”, “Marcos recebeu a mochila”, “Roberta bebeu o suco”, “Maria deu um conselho” e afins.

É nesse sentido que Goldberg (1995, p. 7) explica que a GC pode dar conta da criatividade humana e é gerativa, uma vez a GC “tenta explicar o número infinito de expressões que são permitidas pela gramática enquanto

¹⁰ Traduzido pelo autor. Excerto original: “Constructions are taken to be the basic units of language”.

¹¹ Traduzido pelo autor. Excerto original “A construction is defined as a form-meaning pair”.

tenta explicar o fato de que um número infinito de outras expressões são descartadas, ou não são permitidas”¹². No entanto, ela adverte que a GC não é uma teoria transformacional. Adicionalmente, Goldberg (1995, p. 7) explica que as construções podem diferir em tamanho e na extensão do conteúdo fonológico, afinal, uma construção “S + V + O”, quando preenchida, é mais extensa que uma construção semiaberta “dar uma de x”, mas ambas são “pareamento entre forma e significado”¹³.

Ao observar os possíveis ganhos dessa abordagem linguística, Booij (2005, p. 123) explica que “aplicaremos os pressupostos da Gramática de Construções [...] ao domínio da morfologia, desenvolvendo, portanto, a morfologia construcional”¹⁴. A premissa básica dessa nova forma de fazer morfologia se baseia no entendimento de que os itens lexicais são formados a partir de esquemas estocados no léxico. Além disso, tais arranjos “representam o pareamento entre uma estrutura formal a uma estrutura semântica”¹⁵ (BOOIJ, 2005, p. 123).

Mais especificamente, Booij (2005) postula a existência de um arranjo não preenchido e de significado amplo e geral, como em $[[x]_x [y]_y]_y$ que significaria “Y possui alguma relação com X”. Assim, esse esquema amplo daria conta de explicar, por exemplo, a maioria, senão todos, os processos derivacionais.

Antes de aplicar o seu modelo, Booij (2005) adverte que esse método pressupõe uma rede hierárquica que une os esquemas construcionais por meio de nós. Mais especificamente, as construções, que são o pareamento entre forma e significado, estão ligadas e relacionadas a outras construções superiores com os sentidos mais abstratos. Assim, os esquemas mais gerais estariam sempre acima dos esquemas mais específicos. Além disso, Booij (2005, p. 124) explica que “todo nó na posição inferior herda as propriedades de seu nó dominante. Essas propriedades herdadas contam como informações redundantes nos nós

¹² Traduzido pelo autor. Excerto original: “It tries to account for the infinite number of expressions that are allowed by the grammar while attempting to account for the fact that an infinite number of other expressions are ruled out or disallowed”

¹³ Traduzido pelo autor. Excerto original: “pair form with meaning”.

¹⁴ Traduzido pelo autor. Excerto original: “Let us apply the idea of Construction Grammar [...] to the domain of morphology, thus developing the theory of Construction Morphology”.

¹⁵ Traduzido pelo autor. Excerto original: “represents the pairing of formal structure to a semantic structure”.

abaixo”¹⁶. Para fins de exemplificação, vejamos o modelo proposto por Silva e Cezario (2019, p. 149) para a rede construcional dos conectivos concessivos em esquemas “x que” na língua portuguesa.

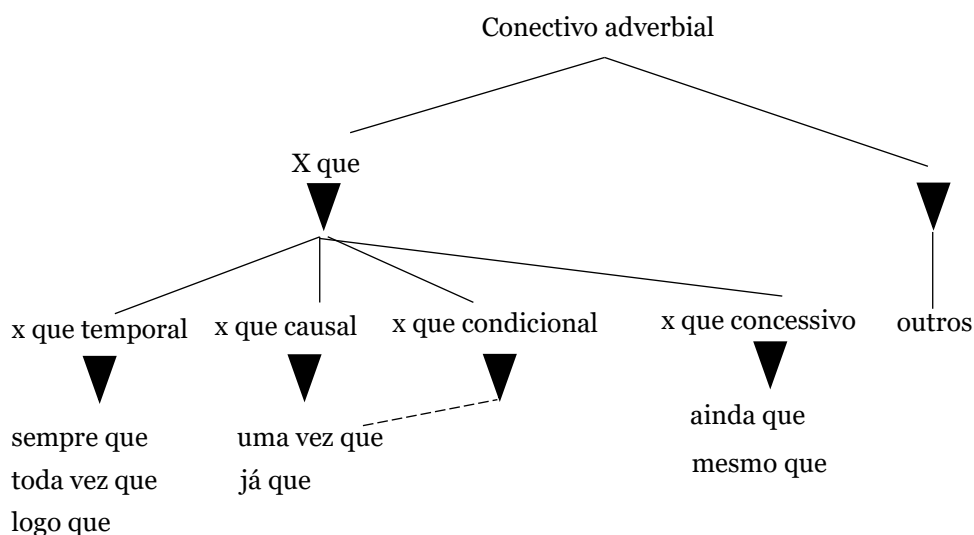


Figura 1: Rede construcional de conectivos “x que”.

Fonte: Silva; Cezario (2019).

Observe que, no modelo disposto acima, o “slot” mais amplo “x que” fica acima dos “slots” mais especificados, que seriam, respectivamente, “x que” temporal, causal, condicional e o concessivo e, logo abaixo deles, vêm outros “slots” ainda mais especificados. No caso do “x que temporal”, há o “sempre que”, “toda vez que”, “logo que” e poderia haver, também, “no momento que”, “assim que”, “na hora que”, entre outros.

A questão que pode se levantar é a seguinte: será que é mera coincidência a existência de esquemas de conectivos “x que” na língua portuguesa? À esse questionamento, os adeptos da GC afirmariam que não, uma vez que, na língua em uso, é possível observar uma série de conectivos com essa estrutura. Ou seja, a partir de nossos usos, nossa cognição compreende que há uma forma relativamente estável para a formação de conectivos com noção adverbial e entre essas possibilidades há o esquema “x que”.

¹⁶ Traduzido pelo autor. Excerto original: “Each lower node inherits the properties of its dominating node. These inherited properties count as redundant information on the lowe node”

É importante destacar que, também, há construções no nível da palavra, que seria o pressuposto de Booij (2005) para o estabelecimento da morfologia construcional, conforme visto anteriormente. A fim de demonstrar esses esquemas, observe um breve modelo de rede construcional da derivação sufixal na língua portuguesa.

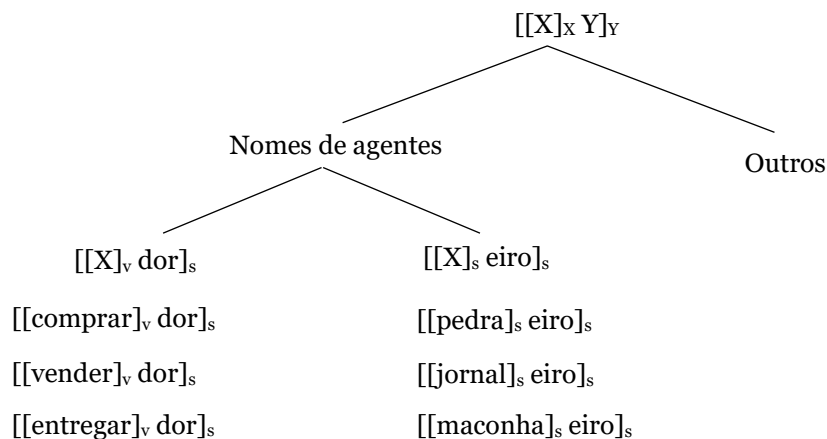


Figura 2: Rede construcional de derivação sufixal.

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Com o modelo proposto pela morfologia construcional, é possível analisar itens lexicais que seriam problemáticos para outras abordagens teóricas, como é o caso do vocábulo “enxadachim”, que, em uma abordagem lexicalista (CHOMSKY, 1970) não poderia ser analisado, afinal, não há, no português, nenhuma Regra de Formação de Palavra (ARONOFF, 1976) que preveja a adição do suposto sufixo “-chim” a um substantivo. Além disso, seria adequado formalizar uma regra que produz apenas um único produto?

Adicionalmente, conforme Basílio (1997, p. 10-1) indaga, o que é necessário para formalizar uma regra? “Por exemplo, a partir de um par como crescer/acrécimo, devemos estabelecer uma regra de adição de -imo a verbos? Ou seria necessária mais de uma ocorrência para nos garantir a condição de regra como em terra/terrestre e pé/pedestre? Deveria essa ocorrência ser mais transparente como em rocha/rochedo e árvore/arvoredo?”. Nesse sentido, a Morfologia Construcional prova a sua eficácia, ao poder atuar como um importante recurso para a análise de itens lexicais “idiossincráticos”, que são impossibilitados de serem contemplados por outras abordagens

linguísticas sem o preço de, provavelmente, causar muitos inconvenientes a teoria.

Em se tratando especificamente das potencialidades da aplicação da GC para a análise do sufixo “-aço” é possível destacar duas principais contribuições. A primeira é de ordem formalista, uma vez que será possível observar detalhadamente como são constituídas as construções em “x-aço”, ou seja, qual é a base? Ela é de um único tipo de classe? E, em relação ao produto desse esquema, pode-se notar se ele muda ou não a classe da base.

A segunda contribuição é a mais interessante, uma vez que a primeira já pode ser desempenhada, ainda que com algumas ressalvas, por meio da adoção dos modelos de Monteiro (2002) e Graça Rio-Torto. Mais especificamente, esta contribuição se consiste na análise aprofundada das acepções evocadas pelo sufixo “-aço” que viabiliza a possibilidade de “descobrir” a semântica geral que estaria presente em todas as outras semânticas mais específicas, unificando-as em uma rede construcional, além de auxiliar o pesquisador da linguagem a separar o que é a semântica da palavra base e o que é a acepção do afixo.

4. METODOLOGIA

Nesta seção serão explicados os processos adotados para a coleta dos dados utilizados. Também serão descritos os critérios metodológicos para a aceitação de determinadas palavras como objeto pesquisa e outras para o descarte. Por fim, ainda nesta seção, serão detalhados os processos de análise dos dados.

4.1. O PROCESSO DE GERAÇÃO DE DADOS

Os dados foram gerados por meio da utilização do megacorpus eletrônico intitulado “NOW”, o qual é hospedado no site “Corpus do Português”¹⁷. Adicionalmente, destaca-se que o referido corpus consultado possui aproximadamente 1.4 bilhões de palavras que foram retiradas a partir de jornais

¹⁷ Davies, Mark. (2016-) *Corpus of News on the Web (NOW)*. Disponível online em: <<https://www.english-corpora.org/now/>>

e de revistas disponíveis virtualmente na internet entre os períodos de 2012 e 2019.

Por se tratar de um corpus eletrônico que possui anotação linguística, foi possível utilizar a sintaxe de busca “*aço”, cuja aplicação resulta na procura de qualquer item lexical terminado em “aço”. É evidente que, ao realizar esse procedimento, foram encontradas milhares de palavras. Por esse motivo, a fim de reduzir o número de palavras para que este trabalho fosse viável, deliberou-se por analisar apenas os vocábulos listados na primeira página de resultados.

SEE CONTEXT: CLICK ON WORD OR SELECT WORDS + [CONTEXT] [HELP...]

	<input type="checkbox"/>	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 660,063
1	<input type="checkbox"/>	ESPAÇO		432335	
2	<input type="checkbox"/>	BRAÇO		45552	
3	<input type="checkbox"/>	FAÇO		42591	
4	<input type="checkbox"/>	AÇO		24426	
5	<input type="checkbox"/>	PEDAÇO		16105	
6	<input type="checkbox"/>	ABRAÇO		14546	
7	<input type="checkbox"/>	PAÇO		12403	
8	<input type="checkbox"/>	CANSAÇO		11410	
9	<input type="checkbox"/>	GOLAÇO		6952	
10	<input type="checkbox"/>	PALHAÇO		6779	
11	<input type="checkbox"/>	TRAÇO		5318	
12	<input type="checkbox"/>	LAÇO		4565	
13	<input type="checkbox"/>	INCHAÇO		3867	
14	<input type="checkbox"/>	TERRAÇO		3750	
15	<input type="checkbox"/>	MELGAÇO		3091	
16	<input type="checkbox"/>	FERRAÇO		2487	

Figura 3: Os vocábulos listados na primeira página de resultados.

Fonte: Desenvolvido por Davies (2016).

A primeira página de resultados é composta por 100 vocábulos, contudo, como pode ser observado na Figura 3, nem todas as palavras listadas são de interesse dos objetivos deste trabalho, que se presta a propor uma análise construcional de itens lexicais gerados a partir do processo de derivação. Dessa maneira, vocábulos como “espaço”, “braço”, “Melgaço”, embora terminem em “aço”, não se constituem como objeto de análise, visto que não são palavras derivadas: os dois primeiros vocábulos são palavras primitivas e o terceiro, um sobrenome. No entanto, palavras como “cansaço”, “golaço” e “inchaço” constituem-se objeto de interesse desta pesquisa. Assim, foi necessário conduzir uma análise manual dos itens lexicais que se constituiriam como objetos de análises adequados para o trabalho.

Após o processo de curadoria dos dados, foram encontrados 35 itens lexicais derivados e passíveis de análise. Além disso, destaca-se a importante

observação de Gonçalves (2019) ao explicar que há vocábulos os quais determinados falantes podem reconhecer como derivados e outros podem entendê-los como não derivados.

A fim de esclarecer essa questão, Gonçalves (2019, p. 38) proporciona diversos exemplos, dentre os quais cita o item lexical “frigideira”, o qual pode ser analisado, por falantes com conhecimento linguístico mais erudito, como “frigir (fritar) + deira”, ou pode ser analisado como uma palavra não derivada por outros falantes não tão eruditos, embora eles possam reconhecer a distribuição da terminação “deira” em outros vocábulos como “geladeira”, “batedeira”, “cortadeira” e afins, uma vez que “o não reconhecimento das bases não inviabiliza as divisões, muito embora comprometa o entendimento global das construções” (GONÇALVES, 2019, p. 39). Assim, o conhecimento de mundo está claramente ligado às possibilidades, ou não, de analisar determinada palavra como derivada.

Os procedimentos de separação de vocábulos foram realizados considerando as observações de Gonçalves (2019) e tentou-se selecionar palavras cuja derivação seria mais evidente. Dessa maneira, tal julgamento de transparência foi realizado a partir da introspecção do autor, a qual entende que vocábulos como “mulheraço”, “ricaço” e “timaço”, por exemplo, sejam transparentes, uma vez que é possível reconhecer as suas bases sem a necessidade de conhecimento etimológico específico. Porém, vocábulos como “chumaço”, “calhamaço” e “embaraço” apresentam menor transparência, visto que não há como recuperar a base desses vocábulos sem a aplicação de conhecimentos históricos e etimológicos.

Assim, esses itens lexicais não se constituem como objeto de análise, o que corrobora com a visão de Gonçalves (2019, p. 31) ao estabelecer que a “morfologia e a etimologia sejam disciplinas relacionadas, mas distintas, uma vez que a segunda investiga justamente o étimo, ou seja, a origem das palavras”.

Por fim, é importante enfatizar que, embora a introspecção seja um método submetido a muitas críticas¹⁸ após a difusão dos grandes corpora eletrônicos, conforme pontua Vereza (2013), muitos trabalhos relevantes foram conduzidos utilizando essa metodologia como é o caso do aclamado texto

¹⁸ As críticas não eram feitas necessariamente à introspecção, mas sim ao ato de “inventar” dados a partir do conhecimento do falante nativo.

“*Regularity and idiomaticity in grammatical construction: the case of LET ALONE*”¹⁹ de Fillmore, Kay e O’Connor (1988) que se utilizaram de exemplos introspectivos para evidenciar a produtividade e a especificidade das construções com “*let alone*”²⁰, e concluíram que a referida unidade linguística não poderia ser analisada como uma simples conjunção coordenativa, o que fomentou debates para a criação de um novo método analítico que viria a ser conhecido como a GC. Dessa maneira, ainda que alguns estudiosos entendam que o método introspectivo não seja o mais adequado para análise de fenômenos linguísticos, faz-se necessário destacar sua importância e sua validade nas pesquisas que foram e que são realizadas ao longo dos estudos da linguagem.

4.2. PROCEDIMENTOS DE CATEGORIZAÇÃO DO SUFIXO

Em relação ao sufixo “-aço”, neste trabalho, assume-se o posicionamento estabelecido por Rio-Torto (2016) ao categorizá-lo como um sufixo avaliativo e pluricategorial, uma vez que, ao observar o corpus gerado, foi possível confirmar que o afixo “aço” aglutina-se a bases substantivas como em “time > timação”, a bases adjetivas “cansado > cansação”, a bases verbais “cagar > cagaço”. Adicionalmente, é necessário destacar que, embora essa situação não esteja presente no corpus deste trabalho, o sufixo “aço” também adjunge-se a bases adverbiais, como em “bem > bemzaço”.

Foram propostos 3 tipos de acepções do sufixo “-aço”: (i) melhorativo, (ii) intensidade neutra e (iii) manifestação. Essas acepções foram desenvolvidas a partir da observação constante dos dados coletados. Ou seja, as categorias surgiram a partir da observação dos dados e não o contrário. Adicionalmente, destaco que haverá itens lexicais que estarão presentes em mais de uma categoria.

¹⁹ Tradução do autor: “Regularidade e idiomaticidade em construções gramaticais: o caso de MUITO MENOS.

²⁰ Tradução do autor: “muito menos”.

4.3. PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados serão analisados a partir de subseções específicas para cada acepção do sufixo “-aço”. O procedimento de análise será triplo. Inicialmente, será realizada a decomposição lexical do vocábulo a fim de aferir a transparência de sua composicionalidade. Subsequentemente, utilizar-se-á o modelo analítico aplicado em Pereira (2020a), que consiste na análise do contexto de uso a fim de compreender adequadamente o sentido que está sendo evocado pelo sufixo, além de investigar quais *frames* estão sendo convocados durante o emprego do vocábulo em questão. Após isso, há a ocorrência de uma paráfrase para testificar se o sentido está sendo evocado pelo sufixo ou pela base a que ele se adjungiu. Por fim, ao término das análises das subseções será proposta uma rede construcional que relacionará os variados sentidos do sufixo “-aço”.

5. ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, os dados serão analisados em subseções específicas para cada acepção. Durante a análise será observada a porcentagem de frequência de cada semântica. Além disso, em cada subseção, será realizada a decomposição lexical do vocábulo em questão, além da investigação contexto de uso em que há ocorrência de item lexical decomposto e serão apontados elementos textuais que auxiliam na evocação de determinado sentido; subsequentemente, também ocorrerá a utilização de paráfrases a fim de enfatizar se a semântica evocada é da base ou do afixo. Por fim, haverá uma subseção para propor uma rede construcional responsável por englobar todas as acepções apontadas neste trabalho.

5.1. ANÁLISE DO SUFIXO “-AÇO” COM ACEPÇÃO MELHORATIVA

Nos itens lexicais dessa seção, o sufixo “-aço” possui uma acepção positiva e laudatória de maneira que o vocábulo derivado geralmente é utilizado para desempenhar um elogio. Adicionalmente, destaca-se que alguns itens

lexicais nesta seção também apresentam outra acepção, quando isso ocorrer, será posto o diacrítico “*” a sua frente.

Em relação aos vocábulos melhorativos neste corpus, são eles: “golaço”, “jogaço”, “ricaço”, “timaço”, “beijaço*”, “corpaço”, “filmaço”, “presentação”, “showzaço”, “cracaço”, “goleiraço”, “amigalhaço”, “canetaço*”, “pacotaço*”, “chutaço”, “balaço” e “tiraço”. Observa-se que, nesta seção, todas as palavras, exceto “ricaço”, foram derivadas a partir de bases substantivas e, dentre os 17 itens lexicais com semântica melhorativa, 3 também são utilizados com outra acepção a depender do contexto, em termos quantitativos, essa acepção é a mais frequente, representando 48,57% dos usos absolutos neste recorte.

Como um exemplo da manifestação da acepção melhorativa do “aço”, tem-se o seguinte contexto de uso, retirado do corpus NOW, com o vocábulo “golaço”:

- (i) Ele [Thiago Silva] lembrou que Boateng, do Bayern de Munique, em um lance marcante em 2015, literalmente caiu nessa, sendo entortado em um **golaço** do [Messi] craque do Barcelona, com um drible para a direita.

Ao utilizar o item lexical “golaço” são ativados *frames* (FILLMORE, 1982) que o liga a eventos esportivos e, mais especificamente, ao futebol, que é uma atividade em que há o confronto de duas equipes adversárias. Destaca-se que essa característica competitiva do referido esporte resultou em metáforas conceptuais como “FUTEBOL É GUERRA”, em que o campo de futebol é conceptualizado como um campo de batalha e as equipes “lutam para não cair”, “vencer o adversário” além de que “devem possuir um ataque eficiente” e “uma defesa bem ajustada”, como destaca Espíndola (2013, p. 40-41).

Ainda em relação ao item lexical “golaço”, pode-se atestar sua composicionalidade a partir de sua decomposição “[[gol]_s aço]_s = golaço”. Examinando especificamente o contexto de uso disponibilizado acima, destaca-se que a estrutura “lance marcante” funciona como um importante agravante de que o gol realizado foi memorável devido ao fato de não ter sido um gol comum, pelo contrário, durante o lance, o zagueiro Boateng, que é reconhecidamente um dos melhores zagueiros do mundo naquele momento e, inclusive, campeão da “Copa do Mundo” no ano anterior, 2014, foi “entortado” pelo “craque” Messi.

Cabe destacar ainda que o referido gol foi eleito o “melhor gol” da UEFA Champions League da edição daquele ano²¹ e ainda concorreu ao “Prêmio Puskás”²², que visa premiar o gol mais belo do ano.

A partir da análise do vocábulo em seu contexto de uso, é possível parafrasear “golaço” como um “gol muito bonito”, “gol de raríssima ocorrência”, “gol antológico”. Adicionalmente, é interessante observar que, além da acepção melhorativa, há também, em segundo plano, a presença de uma semântica de intensidade aumentativa. Justifico essa compreensão, uma vez que o “golaço” é mais intenso que o “gol” comum no sentido de que o primeiro é de rara ocorrência, além de possibilitar comemorações mais efusivas por parte da arquibancada e de quem assiste fora do estádio, resultando, até mesmo, no aumento do moral da equipe marcadora, em outras palavras, um “golaço” seria mais impactante que um “gol” normal.

5.2. ANÁLISE DO SUFIXO “AÇO” COM ACEPÇÃO DE INTENSIDADE NEUTRA

A acepção de intensidade neutra foi encontrada em 5 itens lexicais dos 35 vocábulos que compõem o corpus deste trabalho. Assim, essa acepção apresenta uma frequência de 14,28% dos usos absolutos. Adicionalmente, os referidos vocábulos com semântica de intensidade neutra são: “inchaço”, “cansaço”, “cagaço”, “malzaço”, “vivaço”.

É importante destacar que houve dificuldade em estabelecer uma denominação para este grupo, uma vez que os itens lexicais que o compõe não possuíam nenhum tipo de características semânticas aparente compartilhadas entre si e nem mesmo com itens lexicais pertencentes aos outros grupos, exceto a noção de intensidade aumentativa.

É interessante destacar que os itens lexicais dessa seção, diferentemente das outras, são, em sua maioria, substantivos deverbais, ou seja, aqueles cuja origem advém de um verbo, então é esperado que eles denotem estados relacionados a ações do verbo, como em “cagaço”.

²¹ Para mais informações, acesse o link: <http://www.espn.com.br/noticia/566902_pintura-de-messi-contr-o-bayern-e-escolhida-como-melhor-gol-da-uefa> Acesso em 25 de Junho de 2023.

²² Para mais informações, acesse o link: <<https://jovempian.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/messi-boateng-gol-barca-bayern.html>> Acesso em 25 de Junho de 2023.

Mais especificamente, a palavra “cagaço”, de acordo com o Dicionário “Oxford Languages and Google”²³, significaria “grande medo; pavor; susto”. Já em se tratando da palavra “vivaço”, o “infopédia dicionário Porto editora” descreve-a como “que revela vivacidade; animado”²⁴. Assim, em ambos os casos, é evidenciado a existência de uma intensidade que potencializa a base.

Também é interessante destacar que a noção de positividade ou negatividade advém do sentido que está presente na base da palavra, daí a opção pela nomenclatura “intensidade neutra”. Dessa maneira, “vivaço” possui uma acepção positiva, uma vez que “viver” é positivo, ao passo que, em “malzaço”, a acepção é negativa devido ao fato de que estar “mal” é negativo e esse sentido vem da base a que o sufixo se adjungiu. É importante destacar isso a fim de não classificar erroneamente a acepção de intensidade como positiva ou negativa, visto que a qualificação da intensidade é viabilizada pela semântica da palavra base.

Infelizmente, os dados são poucos, mas, talvez, pode-se, ainda que preliminarmente, compreender que a noção de intensidade neutra é proporcionada em derivações cujas raízes vieram de verbos ou advérbios, uma vez que essas classes de palavras estão normalmente são utilizadas para revelar algum estado ou modo.

Em se tratando da análise do sufixo “-aço” com acepção de “intensidade neutra”, estabeleceu-se o seguinte contexto de uso:

(ii) Marcos Mion, em conversa com André Vasco, lembrou um dos momentos mais duros de sua vida: a morte do irmão, Marcelo. “Vocês podem imaginar, meu irmão de 18 anos tinha acabado de entrar em a faculdade, eu tinha 14. Acho que é um luto eterno, mas foi gigante”, disse. “Eu simplesmente não fazia nada, nada. Não conseguia sair do quarto. Engordei mais de 20 quilos. Fiquei gordo, **malzaço**”.

²³ O referido dicionário pode ser acessado no seguinte link: https://www.google.com/search?q=caga%C3%A7o+significado&oq=caga%C3%A7o+significado&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIGCAEQRRg7MgYIAhBFGDsyBggDEEUYO9IBCDM1NjRqMGo3qAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em 25 de Junho de 2023.

²⁴ O referido dicionário pode ser acessado no seguinte link: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/viva%C3%A7o> Acesso em 25 de Junho de 2023

O item lexical “malzaço” pode ser decomposto como “[mal]_{adv} aço]_{adv} = malzaço”. Em relação ao contexto, observa-se, no relato de entrevista do ator e apresentador Marcos Mion, um acontecimento traumatizante, que seria a morte de seu irmão mais velho. O relato do referido apresentador é ainda mais impactante ao destacar que seu irmão tinha apenas “18 anos” e havia acabado de lograr aprovação no curso de “Medicina” na universidade mais prestigiada do país, que no caso, seria a “USP”, destaca-se, ainda a idade de “14 anos” do apresentador durante a ocorrência desse trágico episódio de sua vida.

Ainda observando o contexto, nota-se que esse acontecimento desencadeou uma série de dificuldades emocionais e físicas na vida do então jovem apresentador, tal como o “luto eterno” e depressão que se manifestou pelo fato de ele não conseguir “sair do quarto”, ter engordado “mais de 20 quilos” e ter ficado “malzaço”.

Com base no contexto analisado, o item lexical poderia ser parafraseado como “fiquei muito mal”, “fiquei muito afetado”, “fiquei muito acabado”. Note que a noção de negatividade está presente na base da palavra e não no sufixo “-aço”, contrariando, assim, as previsões de Cunha e Cintra (2008) de que o mencionado afixo também poderia propor uma semântica negativa. Por fim, juntamente da ideia de intensidade neutra, nota-se a acepção secundária de aumentativo, visto que os sentimentos, quer sejam bons ou ruins, são potencializados para o aumento e não para uma diminuição.

5.3. ANÁLISE DO SUFIXO “AÇO” COM ACEPÇÃO DE MANIFESTAÇÃO

Essa acepção se mostrou altamente produtiva, uma vez que ela ocorre em 16 itens lexicais dos 35 vocábulos totais, o que representa 45,71% dos usos absolutos. Nesse sentido ela ocupa o segundo lugar em termos de frequência e ocorreu nos seguintes vocábulos deste corpus: “panelaço”, “buzinaço”, “beijaço*”, “mamaço”, “apitaço”, “adesivaço”, “toplessaço”, “tomataço”, “tuitaço”, “bandeiraço”, “tratoraço”, “tarifaço”, “canetaço*”, “pacotaço*”, “revogaço”, “vomitaço”.

É importante destacar que também houve dificuldade em estabelecer um nome para esse grupo, uma vez que muitos dos vocábulos arrolados anteriormente apresentam uma noção de manifestação realizada

presencialmente por indivíduos em espaços públicos, como no caso de “panelaço” e “buzinaço”. No entanto, partindo-se do pressuposto de que o sistema linguístico é moldado a partir de pressões de uso (DIESEL, 2017), o advento da *web 2.0* e da luta por conquistas dos espaços virtuais (PEREIRA, 2021b) resultaram na demanda por novos vocábulos, como no caso do item lexical “tuitaço”, que se configura como uma manifestação que só pode ocorrer em situações virtuais. Assim, como destaca Basílio (2004, p. 9) por “estamos sempre (re)produzindo e (re)conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados”.

Como pode ser observado, neste trabalho, em se tratando de “manifestação”, adota-se a descrição mais ampla proporcionada por Houaiss (2009) o qual descreve o referido fenômeno como “ato de dar a conhecer, de revelar (pensamento, ideia); expressão, revelação”. Assim, quer sejam em manifestações presenciais, ou virtuais, os indivíduos sempre estão expondo suas impressões, pensamentos e ideias a respeito de algum fenômeno, indivíduo, ou situação.

Diferentemente dos vocábulos dos outros grupos analisados, os itens lexicais com semântica de manifestação parece possuir uma subcategorização semântica. Assim, há vocábulos que implicam o entendimento de manifestações que são desempenhadas por um grande grupo de indivíduos e outras que só podem ser desempenhadas por indivíduos da classe política.

Mais especificamente, em vocábulos como “apitaço”, no exemplo retirado do NOW, “a primeira sessão ordinária da ALE é marcada por ‘apitaço’ de agentes penitenciários em RO”, demonstra que se trata de um ato popular marcado pela presença de muitos indivíduos. Além disso, destaca-se que, em apitaço, tem-se a seguinte construção [[apito]_s aço]_s, o que evidencia que a ideia de ajuntamento para manifestar-se politicamente em grupo está presente no sufixo e não na base, que é apenas o “apito”, instrumento utilizado para fazer barulho a fim de chamar atenção.

Adicionalmente, em “revogaço” como no exemplo também extraído do NOW “a determinação foi assinada como o chamado ‘revogaço’, com o qual o presidente da República revogou 250 decreto”, a manifestação só pode ser

realizada por indivíduo que possui função política, além de que também foi promovida por um único indivíduo que revogou muitos decretos. Destaco que, neste último caso, a noção de ação de manifestação política está presente no sufixo “-ação”, uma vez que a acepção da base, de acordo com Houaiss (2009), é apenas “tornar (algo) sem efeito, fazer deixar de vigorar; anular”, ou seja, a dimensão política do item lexical “revogaço” está presente no afixo e não na base.

Há um paralelo interessante entre os polos semântico de “manifestação como ato popular” e de “manifestação como ato político”. Na primeira situação, há implicação de que exista um grande grupo de indivíduos expressando determinada ideia. Essa multidão de indivíduos, pressuposta na acepção de “manifestação como ato popular”, é responsável por exprimir a noção de intensidade aumentativa, que está também presente em todos os grupos anteriores.

Na segunda situação, a “manifestação como ato político” não necessariamente implica a noção de um grande grupo de políticos alinhados, mas sim a noção de aprovação, ou de reprovação de muitas medidas ou reajustes desempenhados por um, ou mais indivíduos da classe política, como pode ser observado no exemplo extraído do NOW “como que alguém faz uma medida que libera armas para 20 atividades profissionais num ‘canetaço’ só?”.

Nesse contexto, noção intensiva aumentativa deste polo semântico advém das muitas consequências resultadas a partir do “canetaço” realizado por um único indivíduo, que, neste caso, é o então Presidente da República. Em outras palavras, ao analisarmos a composicionalidade do item lexical observado, encontramos a seguinte estrutura [[caneta]_s ação]_s, reforçando, mais uma vez, que o sentido da base não tem nada a ver com as acepções de contextos políticos evocados; em outras palavras, a base “caneta”, não passa de um objeto para escrever e o sufixo “-ação” está convocando a semântica de manifestação política. Como consequência, ocorre a liberação em massa da possibilidade de compra de armas. Ao estabelecer esse paralelo, evidenciam-se as diferenças entre uma semântica de “manifestação como ato popular” e a outra de “manifestação como ato político”.

Como exemplo da semântica de manifestação presente no sufixo “-ação”, tem-se o seguinte contexto de uso:

(v) Moradores de Moema fazem **panelaço** contra militantes do PT

No contexto acima, tem-se um exemplo de manifestação como ato popular, que se materializa a partir do uso da unidade linguística “moradores”, o que implica a existência de um grupo de pessoas que, neste caso, estavam engajadas na expressão de mesmas ideias e pensamentos que eram manifestados por meio do ato de bater panelas, resultando, assim, no “panelaço”.

Ao decompor o item lexical, encontra-se a seguinte estrutura [[panela]_s aço]_s. o que já confirma, como temos visto até aqui, que a ideia de manifestação está presente no afixo, dado que a base, “panela”, simplesmente significa “recipiente quase sempre redondo, largo e de altura variável, dotado de alças ou cabo, usado na cocção de alimentos” (HOUAISS, 2009).

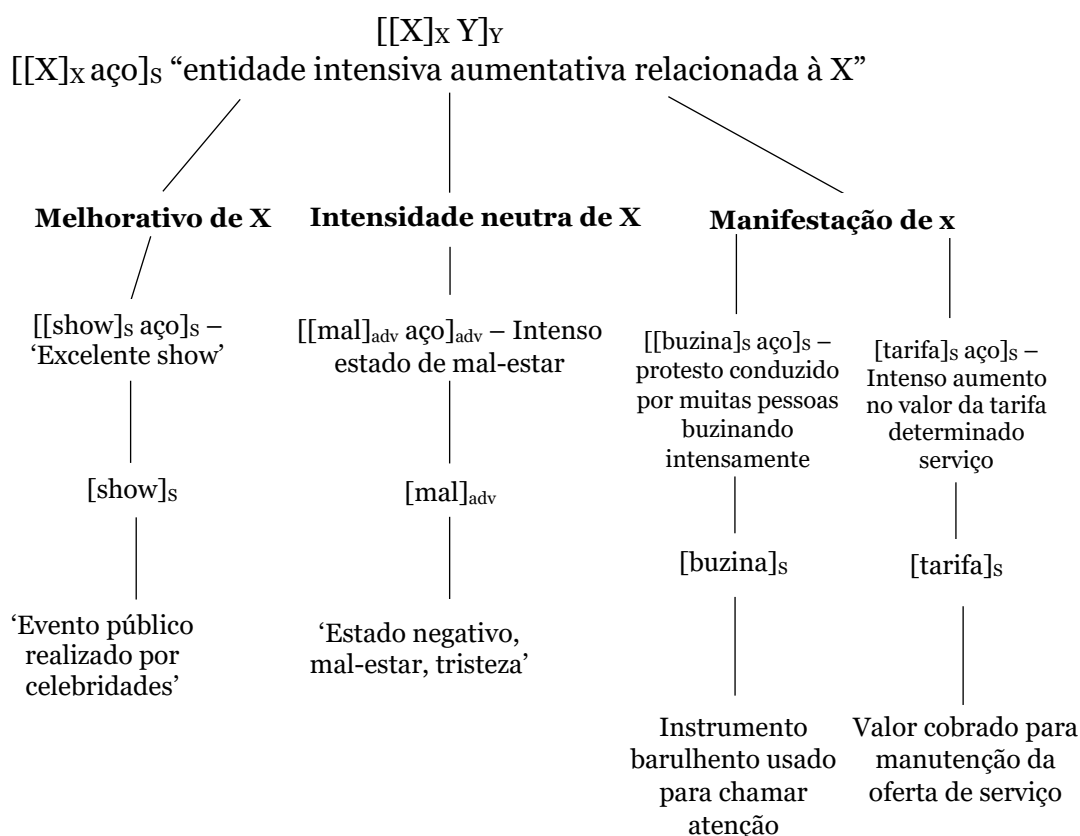
Há, ainda a possibilidade providenciar a seguinte paráfrase, “os moradores bateram muito barulho com as panelas para hostilizar os militantes”. A partir dessa leitura, ocorre a explicitação da semântica secundária de “intensidade aumentativa”, que se daria a partir do ato de bater nas panelas.

5.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUFIXO “AÇO” E SUA REDE CONSTRUCIONAL

A partir das análises realizadas até aqui, é possível observar que o sufixo “-aço” é altamente complexo, uma vez que ele não especifica rigidamente a base a que se adjunge, podendo, assim, aglutinar-se a substantivos, adjetivos, verbos e até mesmo a advérbios. Tal comportamento, embora não seja tão inesperado, é digno de destaque, dado que é de costume a existência de uma alta previsibilidade do processo de seleção do tipo de base a que os sufixos se aglutinam, como no caso do sufixo “-mente” que se junta somente a adjetivos na forma feminina e a mais nenhum outro tipo de base ou o afixo “-ada”, que, entre as suas possibilidades de aglutinação, costuma ajuntar-se a substantivos que só podem ser levantados pela força humana para formar outros substantivos, que, por sua vez, possam ser sustentados pela referida força, conforme destacam Pereira e Constancio (2021).

Além disso, também é interessante destacar a variação de sentido encontrada em “-aço” e, para dar conta dessa propriedade, a qual foi apontada empiricamente nos dados presentes nas seções anteriores, será utilizada a noção de que esquemas podem tornar-se polissêmicos como proposto em Booij (2007, p. 38), que, ao se referir aos padrões construcionais, estabelece que “temos que especificar sua interpretação convencional ou interpretações [...] no léxico. Em um léxico hierárquico podemos assumir subsquemas para as diferentes interpretações como ‘Agente’, ‘Instrumento’, ‘Objeto’, etc.”²⁵.

Assim, entendendo que há um esquema hierárquico com uma interpretação convencional que pode resultar em subsquemas com interpretações diversas, tornar-se possível, por meio desse recurso, dar conta das variedades semânticas de “-aço”. Dessa maneira, propõe-se a seguinte rede construcional a qual pretende relacionar os sentidos evocados por “-aço”. Segue-se a rede proposta



²⁵ Traduzido pelo autor. Excerto original: “we have to specify their conventional interpretation or interpretations [...] in the lexicon. In a hierarchical lexicon we can assume subschemas for the different interpretations such as Agent, Instrument, Object, etc”.

6. ACEPÇÃO DEPRECIATIVA DO SUFIXO “AÇO”? O CASO DE UM FRANGO MUITO FUTEBOLÍSTICO

Conforme foi observado na análise, elencou-se três acepções para o sufixo “-aço”, a saber: (i) melhorativa, (ii) intensidade neutra e (iii) manifestação. Todavia, ainda fundamentados nos postulados de Cunha e Cintra (2008), pode haver a possibilidade de algumas análises propuserem que a noção depreciativa está, de fato, presente no referido afixo. Para isso, disponibilizarei mais uma análise a fim de enfatizar o equívoco desse postulado. Sendo assim, segue-se o contexto de análise:

(iv) Rocco Ríos caiu para segurar a bola e fazer segura defesa, mas... viu a bola passar entre suas pernas. Um **frangaço**.

Como se observa, a palavra em questão é “frangaço”. Inicialmente, ao realizar a sua decomposição, encontramos o seguinte esquema “[frango]_s aço]_s = frangaço”. Ao analisar o contexto, nota-se a construção “caiu para segurar a bola [...], mas viu a bola passar entre suas pernas” reforçam o fato de que o goleiro Rocco Ríos tomou um gol que era “defensável”.

Em adição, a menção ao fato de a bola ter passado por entre as pernas do atleta reforçam o caráter humilhante e, conseqüentemente, pejorativo do vocábulo nesta ocorrência. A princípio, estaríamos caminhando para a compreensão de que o sufixo “-aço” está, de fato, estabelecendo uma noção pejorativa; porém, para a compreensão adequada do sufixo nessa ocorrência é vital que ressaltemos o *frame* em que essa palavra está ocorrendo, que é o “futebolístico”.

No futebol, o termo “frango”, por si só, já significa “gol humilhante”, “gol defensável” e semelhantes. Ou seja, nessa ocorrência, o sufixo “aço” está simplesmente intensificando a acepção da palavra base e não estabelecendo esse sentido.

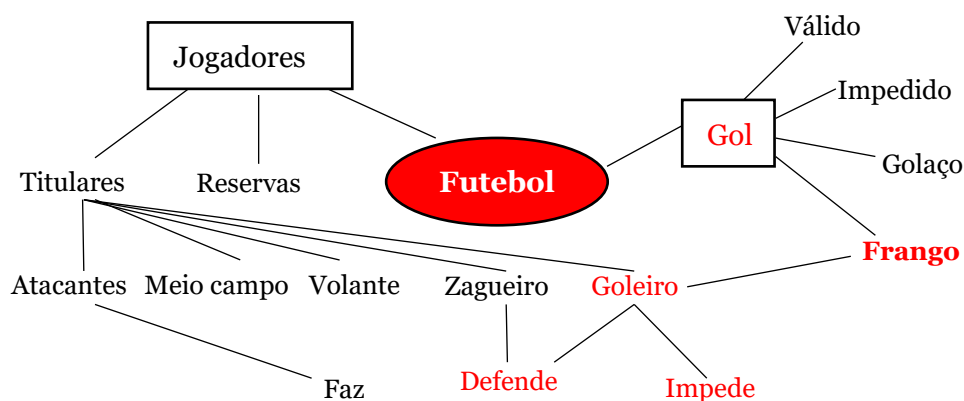


Figura 4: Breve *frame* da palavra “frango” em contexto de futebol.

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Ao sairmos do *frame* de futebol, o item lexical “frango” deixa de possuir a acepção de “gol humilhante” e de “fácil defesa” e pode ter outra acepção a depender do *frame* ativado. Por exemplo, se a relação agora for contextos de academia, “frango”²⁶ passa a significar “indivíduo fraco, que pega anilhas de pouco peso” ou ainda “indivíduo indisciplinado, que não coloca os pesos e os equipamentos no lugar após o uso”. Nesse caso, poderíamos ter, também, a palavra “frangaço”; todavia, agora, significando “alguém muito fraco”, “muito magro, com pouca massa muscular”, ou “muito indisciplinado na academia”.

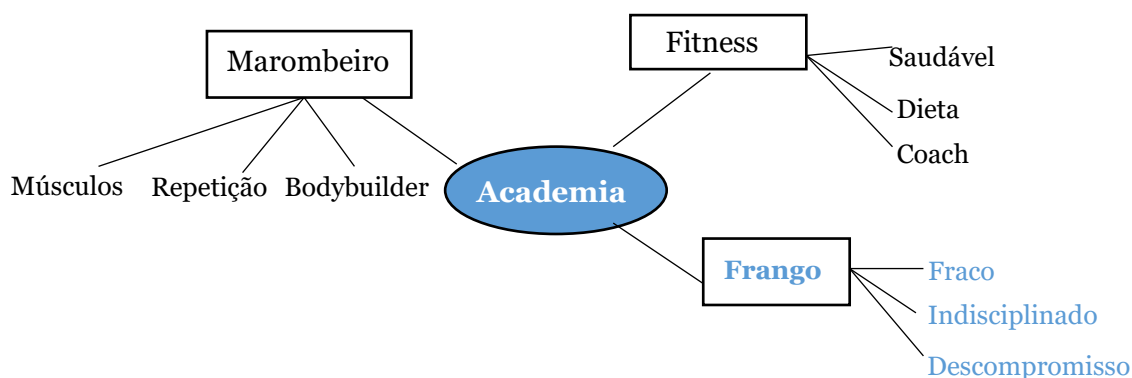


Figura 5: Breve *frame* da palavra “frango” em contexto de academia.

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

²⁶ Exemplos de utilizações reais do termo “frango” em contextos de academia <<https://www.feitodeiridium.com.br/frango-de-academia-15-dicas-para-nao-ser-um/>>, <<https://musculacaosr.com.br/o-frango-12-atitudes-que-entregam-eles-na-sala-de-musculacao/>> Acessos em 25 de Junho de 2023.

Ainda em relação ao vocábulo “frango” em contextos de academia, poder-se-ia, utilizar o sufixo “-inho”, que, de acordo com Pereira (2020b), os resultados de seu trabalho apontaram que esse afixo possui a semântica dimensional diminutiva presente de maneira ampla nos usos avaliativos. Mais especificamente, o uso avaliativo mais frequente encontrado estabelecia uma semântica pejorativa, podendo ser encontrada em vocábulos como “mundinho”, “jornalzinho”, “engraçadinho” a depender do contexto. Como consequência, não seria estranha a formação do item “franguinho”, que, em outras palavras, seria “uma pessoa fraquinha”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a providenciar uma análise construcional do sufixo “-aço” com especial atenção aos sentidos que são evocados pelo referido afixo durante situações de uso. Nesse sentido, foi realizada uma breve revisão de literatura a respeito de como as gramáticas tradicionais de referência e os manuais de morfologia descreviam o sufixo “-aço”.

Além disso, o trabalho também se baseou em um corpus constituído por 35 itens lexicais transparentes retirados de um megacorporus eletrônico. Adicionalmente, em se tratando das perguntas de pesquisa que abriram este trabalho, foram elencadas 3 acepções desempenhadas pelo sufixo “-aço”: (i) melhorativo, (ii) intensidade neutra e (iii) manifestação [como ato público, ou como ato político]. Em relação à segunda pergunta, observou-se que houve sim presença de uma semântica geral e ampla presente em todas três as acepções, que seria um sentido de intensidade aumentativa.

Ainda em se tratando do amplo sentido de “intensidade aumentativa”, destaca-se que ela se evidencia de maneiras diferentes a depender do grupo semântico, como no caso da acepção de “manifestação”, que possui duas formas de exprimir a referida semântica intensiva aumentativa. Mais especificamente, na “manifestação como ato público”, a semântica intensiva é evocada pelo grande número de participantes, já na “manifestação como ato político”, a semântica intensiva é desempenhada pelas grandes consequências advindas das

decisões políticas realizadas, como em um “tarifaço”, que, embora seja uma única decisão, aumenta o muito o valor de determinados serviços.

Além disso, a acepção de manifestação é o ponto-chave para a justificativa para adotar uma análise construcional, uma vez que, caso seja realizada a decomposição lexical, a semântica do vocábulo não é compreendida plenamente, de maneira que é necessário recorrer à ideia de que a semântica é, na verdade, evocada por esse esquema em específico.

Por fim, em relação às contribuições advindas deste trabalho, destacam-se duas: a primeira é a tentativa de fornecer uma análise capaz de observar aspectos mais granulares a respeito do sufixo “-aço” em vocábulos contemporâneos; mas, ao mesmo tempo, sem abrir mão do poder de proporcionar generalizações sobre suas acepções. A segunda contribuição é a aplicação do modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso para a análise de fenômenos morfológicos, uma vez que, embora esse modelo possua recursos interessantes para a investigação do processo de formação de palavras, os trabalhos que tratam a morfologia nesse viés ainda são escassos se comparados com a grande quantidade de pesquisas realizadas no âmbito do lexicalismo.

REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Massachusetts: MIT Press, 1976.
- BASÍLIO, M. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BASÍLIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas*, v. 1, p. 9-21, 1997.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.
- BOOIJ, G. Compounding and derivation: Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W.; KASTOVSKY, D.; PFEIFFER, O. (Eds) *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2005. p. 109-132.
- BOOIJ, G. Construction morphology and the léxicon. In MORTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (eds.) *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, 2007, p. 34-44.
- CÂMARA JR. J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (Eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Boston: Ginn, 1970, p. 184-221.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DAVIES, M. *Corpus do Português: Web/Dialects*, 2016. Avaliabe online at <<http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>>.
- DIESSEL, H. Usage-based linguistics. In: ARONOFF, M. (ed.) *Oxford Researcher Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 1-26.
- ESPÍNDOLA, L. C. Futebol é guerra: a metáfora conceptual do futebol. *Revista de Letras*, v. 1, n. 32, p. 37-43, 2013.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics – An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In Linguistic Society of Korea (ed.) *Linguistics in the modern calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, p. 111-137.
- FILMORE, C.; KAY, P.; O’CONNOR, M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, n. 4, p. 501-538, 1988.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chigaco University Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.
- GONÇALVES, C. A. Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. *Gragoatá*, v. 25, n. 52, p. 648-687, 2020.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things – What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LANGACKER, R. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.
- PEREIRA, C. G. C. A polissemia do prefixo “des-” em substantivos de ação com base em “-ção” e “-mento”. *Confluência*, n. 61, p. 335-371, 2021a.
- PEREIRA, C. G. C. Análise do sufixo avaliativo diminutivo no português brasileiro a partir de corpus eletrônico. *Enlaces*, v. 1, n. 1, p. 32-59, 2020b.
- PEREIRA, C. G. C. As entextualizações do discurso político em indivíduos com vieses ideológicos opostos. *Gatilho*, v. 20, n. 1, p. 2021b.

PEREIRA, C. G. C. *Polissemia do prefixo “des-” em substantivos de ação no Português Brasileiro: uma análise da língua em uso*. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2020a.

PEREIRA, C. G. C.; CONSTANCIO, F. A. Produtividade e criatividade lexical na escola básica: o que diz o material didático? *Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 15, n. 1, p. 32-51, 2021.

PEREIRA, C. G. C.; CONSTANCIO, F. A.; ARANTES, T. T. O estudo do léxico: da abordagem clássica à linguística cognitiva. *Revista Philologus*, v. 25, n. 75, p. 270-282, 2019.

RIO-TORTO, G. Formação de avaliativos. In: RIO-TORTO, G. (at. all.) *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra: Coimbra University Press, 2016. p. 357-385.

SANTOS, A. P. Diacronia e sincronia do sufixo –aço: desenvolvimento dos valores semânticos e frequência de uso. *Estudos Linguísticos*. v. 39, n. 1, p. 258-271, 2010.

SILVA, M. C. F.; MIOTO, C. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, v. 7, n. 12, p. 1-22, 2009.

SILVA, T. S.; CEZARIO, M. A. Construcionalização e competição de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [Xque] em português. *Odisseia*, v. 4, n. esp. p. 132-153, 2019.

SOUZA, L. M. *O processo de derivação de sufixos aumentativos no português brasileiro: uma análise de -ão, -ona, -aço, -aça, -uço e uça*. 119f. 2015. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VEREZA, S. “Metáfora é que nem...”: Cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, v. 38, n. 65, p. 2-21, 2013.